

# Memória e discurso no entremeio das práticas informacionais contemporâneas<sup>1</sup>

Evelyn Orrico\*

**Resumo** A contemporaneidade demanda por qualidade no campo da Organização do Conhecimento, no que tange tanto à representação quanto à recuperação da informação, em virtude do impacto provocado pelas novas tecnologias nos serviços de informação. Para tanto apóia-se no pressuposto de que é possível firmarem-se outras estratégias de comunicação humana, com vistas a uma melhor compreensão da relação entre linguagem, informação e dinâmicas sociais contemporâneas. O objetivo é problematizar uma discussão conceitual sobre discurso e memória, no intuito de perceber como tais conceitos afetam a comunicação, em uma tentativa de compreender práticas comunicacionais na atualidade e de como tal compreensão pode contribuir para os estudos do campo informacional. Ao final, apoiado na concepção de gênero discursivo proposta por Bakhtin, este texto acredita ser preciso identificar novos padrões discursivos, de modo a constituir novos gêneros discursivos a fim de que o ciclo informacional ocorra de modo cada vez mais efetivo.

**Palavras-chave** memória; discurso; gênero discursivo; organização do conhecimento

## Memory and discourse in contemporary information practices

**Abstract** Contemporaneity demands quality in the field of Knowledge Organization, in relation not only to information representation but also to information retrieval, due to the impact of new technologies on information services. In order to achieve this, it presupposes that it is possible to establish new strategies of human communications with a view to a better understanding of the relationship between language, information and contemporary social dynamics. Our aim is to problematize a conceptual discussion about discourse and memory, in order to understand how such concepts affect communication, in an attempt to understand contemporary communication practices and to establish how this understanding may contribute to information studies. Ultimately, based on Bakhtin's notion of discursive genre, this text concludes that it is necessary to identify new discursive patterns, in order to form new discursive genres, so that the information cycle is realized in an increasingly effective way.

**Keywords** memory; discourse; genre of discourse; knowledge organization

---

<sup>1</sup> Trabalho fruto do projeto de pesquisa “Memória e discurso-informacional: da, para e na ciência” – (MEDIC)”, financiado pelo CNPq com uma bolsa PQ.

\* Doutora em Ciência da Informação pelo convênio IBICT/UFRJ. Professora Adjunta da UNIRIO. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Depto. De Processos Técnico-Documentais. Av. Pasteur, 458. Sala 413. Urca. CEP 22290-240. Rio de Janeiro-RJ. Email: evelynorrico@unirio.br

## Introdução

Este texto insere-se no conjunto daqueles que, segundo López-Huertas (2008), se inscrevem no campo de pesquisa em Organização do Conhecimento, no intuito de contribuir para uma das principais linhas de investigação da área: *demanda por qualidade*, relacionada a questões de pesquisa voltadas para multilinguismo, transculturalismo, grupos sociais, minorias e ética.

López-Huertas (op.cit.) debruça-se sobre esse tema em seu artigo por considerar que as dinâmicas da pesquisa no campo da organização do conhecimento mostram a tendência de reformular antigas questões em virtude do impacto provocado pelas novas tecnologias e da inserção desse campo do conhecimento em contexto interdisciplinar. A principal tendência diz respeito a como imprimir qualidade aos serviços de informação (no que tange tanto à representação quanto à recuperação da informação) no contexto da internet.

Somada a essa orientação, recupero o final do texto de González de Gómez (no prelo) que, interessada em discutir a interrelação entre informação, poder e política, afirma ser tal discussão necessariamente metateórica e prevê a antecipação do resultado dizendo que “outras estratégias de memória, de comunicação e informação serão sempre possíveis!”

É nesse ponto que este texto objetiva contribuir: correlacionar conceitos que norteiam a comunicação humana, com vistas a uma melhor compreensão da relação entre linguagem, informação e dinâmicas sociais na contemporaneidade.

Inspiro-me no que Campbell (2010) fez, ao introduzir a distinção apontada por Paul Ricœur entre língua e discurso para ajudá-lo a definir a agenda norte americana de pesquisa em Organização do Conhecimento. Neste texto objetivo problematizar uma discussão conceitual sobre discurso e memória, no intuito de perceber como tais conceitos afetam a comunicação, em uma tentativa de compreender práticas comunicacionais contemporâneas e de como tal compreensão pode contribuir para os estudos do campo informacional.

## Pressupostos

Se no início da civilização ocidental a ágora era o centro propagador de informação e espaço onde as decisões eram tomadas, hoje, em pleno século XXI, temos a internet como espaço em que, virtualmente, homens e mulheres livres podem se encontrar, senão para tomarem decisões, pelo menos para trocarem informações de todas as ordens.

A partir de Chauí (2008), e de sua pergunta a respeito de qual seria a manifestação por excelência do homem livre, tomo a liberdade de refletir sobre essa manifestação no mundo de hoje, procurando compreender o papel que as dinâmicas sociais contemporâneas, viabilizadas pelas novas tecnologias da informação, provocam nas comunicações do homem contemporâneo.

Para início de nossa conversa, recorro a essa autora para dizer que é considerado homem livre aquele que age por vontade livre, e que livre é “aquilo que é tal como foi voluntariamente escolhido e poderia ser diferente, se a escolha tivesse sido outra”. (op.cit., p.15). O homem seria, portanto, responsável por suas escolhas e decisões.

Chauí (op. cit., p. 16) afirma que, no século XVII, a manifestação por excelência desse homem livre era a filosofia, a ciência e a ética e que, aos poucos, “a filosofia e a ciência são tomadas não mais como contemplação da realidade, mas como poder humano para transformar e dominar a realidade”. Aos poucos, continua ela, “afirma-se que a manifestação por excelência do homem livre é seu poder transformador e dominador”, visto que o conhecimento “liga-se à prática de domínio técnico sobre a natureza e sobre a sociedade”.

Parece ser inegável, nesses tempos em que a ciência produz vida por genomas inteiramente criados no computador, que o homem possui plenos poderes, via o domínio que possui da tecnologia, sobre sua vida e sobre a natureza. Como pensar o homem contemporâneo sem introduzir questões sobre ciência, tecnologias e linguagem? Esse é o grande mote que norteia as indagações de minhas recentes pesquisas e, mais especialmente, deste texto.

Considerando a importância que as tecnologias vêm assumindo no entremeio das práticas sociais, meu olhar voltou-se para a percepção sobre o uso e as interferências que os homens e as mulheres livres fazem e sofrem dessa tecnologia, sobretudo a respeito de produção discursiva que nela se constrói.

## **Problematizando o discurso contemporâneo**

Aqui aponto para um dos instigantes problemas a serem tratados. Como compreender a “liberdade de escolha” se admitimos que o discurso é formulado por um indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia? Digo isso apoiando-me em Orlandi (2007), para quem o sujeito discursivo implica a relação do simbólico com o político.

É preciso, inicialmente, retomar Oliveira e Orrico (2005), quando advertem que fazer a delimitação do conceito de discurso é tarefa difícil, visto ser ele polissêmico, sempre abrindo espaço para discussões em torno de sua natureza e funcionamento.

A partir de Saussure, os estudos lingüísticos evoluíram para uma compreensão da língua como sistema e estrutura, não privilegiando as abordagens que enfocavam seu uso e sua prática, ou pelo menos, deixando de efetuar-las com profundidade. Nessa linha teórica, o discurso é considerado algo marginal porque representaria a dimensão esquecida em que a virtualidade da língua, como sistema, se atualiza pela prática. A Lingüística ter-se-ia constituído em ciência não incorporando estudos sobre o sentido na essência de sua investigação. É essa linha evolutiva que a Pragmática e também a Análise do Discurso tentam subverter.

No âmbito da Ciência da informação, Campbell (2010) recupera a dimensão discursiva, ao incorporar a proposta de Ricœur, para quem a sentença, e não a palavra, unidade significativa de Saussure, seria a unidade semântica que, embora constituída por palavras, encerra um significado que não se reduz ao somatório do significado dessas unidades que a compõem. Ao contrário, a

concepção discursiva propõe que a construção do significado repousa na união entre as palavras constituintes. A essa unidade de sentido Ricœur denominou de discurso.

Para agregar valor a essa discussão, e estabelecer contato com contemporaneidade, e consequentemente incorporar as novas tecnologias, trago as reflexões de Lazzarato (2006). Por que trazer um autor que se propõe a pensar uma política de multiplicidade para as lutas do século XXI? Justamente porque, em suas reflexões, esse autor incorpora o conceito de público, a partir de Gabriel Tarde, que evidencia uma sociabilidade em que os cérebros se tocam por meio de comunicações, à semelhança do que ocorre na internet. Essa força atribuída aos processos comunicacionais reforça as minhas reflexões nesse campo.

Nesse sentido, pensar a respeito das tecnologias que alteram as dimensões espaço-temporais e seus reflexos nos dispositivos de ação a distância de um cérebro sobre outro cérebro no âmbito da sociedade de controle, é incorporar um autor como Maurizio Lazzarato.

Para embasar sua discussão, Lazzarato recupera Mikail Bakhtin que o ajuda a compreender a construção de sentido, e assim nos permite pensar essa construção na contemporaneidade. Esse autor, um dos pioneiros na proposta contemporânea da sociedade de controle, afirma que tais sociedades se caracterizam- pela potência e pelo poder das máquinas de expressão. Apresenta-nos um novo terreno de lutas, no qual se enfrentam, de um lado, as lógicas e as práticas de **expressão** e da criação e, de outro, as lógicas e as práticas da **comunicação** e da informação.

Esse autor constrói seu raciocínio com base em pressuposto apontado por Bakhtin, em que “nas teorias da comunicação e nas teorias da informação as coisas já estão dadas, estão prontas [...] o próprio artista, com sua visão de mundo.” (BAKHTIN, apud LAZZARATO, op.cit. p. 156). Ora, o que o próprio Bakhtin traz de novo, e isso em pleno início do século XX e no mesmo período em que Saussure lança os seus pressupostos relativos ao sistema linguístico, é que o objeto “é construído no decorrer do processo de criação, e o artista também se cria, junto com suas visões de mundo e seus meios de expressão.” (idem). Bakhtin, ao contrário de Saussure, insere a construção dos enunciados linguísticos no seio do mundo sócio-político-cultural.

O que nos faz trazer Lazzarato para esta reflexão, então, é sua leitura de Bakhtin. Para discutir plurilinguismo, Lazzarato constrói seu argumento a partir do que aponta como semelhança entre a televisão e as formas de controle do fascismo italiano. Sua argumentação se apóia em uma discussão entre Calvino e Pasolini, afirmando que esses dois autores “esqueceram dois aspectos fundamentais de uma política de expressão, que iremos reencontrar [pelos idos dos anos 80] no centro das políticas da internet: a multiplicidade lingüística e semântica deve ir par a par com a multiplicidade dos dispositivos tecnológicos de expressão” (LAZZARATO, op. cit. p. 172). Continua sua argumentação defendendo que a “destruição do homem majoritário caminha lado a lado com a destruição do monopólio (público ou privado) dos dispositivos da comunicação” (idem).

Continuando sua linha de raciocínio, esse autor nos diz que Bakhtin já renunciava o fim do período em que coexistiriam as línguas nacionais fechadas, propondo que a descentralização linguística e semântica só ocorreria pela ultrapassagem das culturas nacionais. E para tal, Lazzarato (op.cit.) nos apresenta sua argumentação sobre as tecnologias do tempo, que para ele são também da memória, dizendo que, nas sociedades de controle, tais tecnologias são os dispositivos de ação a distância de um cérebro sobre outro cérebro.

Reforça sua argumentação ao dizer que, a partir do cinema, somos confrontados com o desenvolvimento de dispositivos que podem criar e conservar, contrair e dilatar as durações, as temporalidades. As temporalidades, que são as matérias da memória, conservam o morto entre o vivo, o antes no depois, constituindo assim as condições necessárias de toda sensação, percepção, inteligência e, portanto, de toda capacidade de agir. Esse autor afirma que “através da matriz e da reprodução das durações artificiais, tais dispositivos agem sobre as durações ‘naturais’ da memória e, ao mobilizarem a atenção, intervêm na criação do sensível. Mobilizar a atenção e a memória significa mobilizar o vivo” (op. cit. p.174).

Prosegue sua argumentação afirmando que “Estes dispositivos são os motores específicos das sociedades de controle e se distinguem dos motores mecânicos (sociedade da soberania) e dos motores termodinâmicos (sociedades disciplinares): agem a distância sobre os hábitos mentais e as forças que os compõem, ou seja, os desejos e as crenças.” (idem)

Ainda seguindo a linha de raciocínio de Bakhtin, Lazzarato (op. cit.) recupera um outro de seus enunciados em que aquele autor argumenta ser o enunciado, e aqui podemos tomá-lo como discurso, nunca reflexo ou expressão de algo preexistente, mas algo novo, que ainda não havia sido criado, mesmo que tenha por base algo preexistente.

Compreender essa criação do novo sobre uma base preexistente é fundamental para aproximar essa concepção das problemáticas que norteiam o campo da Ciência da Informação. A bem da verdade, não compartilhamos totalmente da concepção de que a informação é algo já dado. Ao contrário, admitimos que o conteúdo informacional se manifesta por diferentes suportes, mas sempre constituindo um discurso que, como tal, se constitui sociohistoricamente.

Se admitimos um discurso produzido no processo interacional da enunciação, como pensar em organização para recuperação da informação pautada em mediações entre contextos tão distantes quanto os que são ensejados pelas novas tecnologias?

Embora, aparentemente, Bakhtin abra um leque de impossibilidades ao propor que o enunciado se constrói no decorrer do processo de criação, ele mesmo aponta uma saída, ou ao menos, o que pressupomos que seja uma: a noção de gênero.

## **O gênero bakhtiniano**

A noção de gênero que Bakhtin (1997) nos apresenta embute uma discussão sobre o conceito de memória. Para essa aproximação, vou me valer do texto de Le Goff que, retomando alguns autores, aproxima a memória da linguagem. O primeiro autor que ele cita é Pierre Janet, ao considerar que “o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”. O outro autor de que Le Goff se utiliza é Henri Atlan que, ao estudar os sistemas autoorganizadores, aproxima “linguagens e memórias”:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. [FLORES, 1972, p. 461, apud LE GOFF, 1996, p. 425]

É claro que Le Goff (1996) não está se referindo a nosso momento atualíssimo em que se está vivendo o auge das mediações da interconectividade. No entanto, essa aproximação entre linguagem e memória reforça nossa concepção de que o conceito bakhtiniano de gênero discursivo é oportuno para ser utilizado nas reflexões do campo da Ciência da Informação.

Já tivemos oportunidade de refletir sobre esse conceito no âmbito das reflexões sobre histórias em quadrinhos. Naquele momento, Costa e Orrico (2009) traziam a concepção de gênero discursivo apresentada por Bakhtin para quem, devido à grande quantidade de discursos produzidos nas mais diversas esferas sociais, existiriam umas formas reconhecíveis que permitiriam o estabelecimento da comunicação entre os membros das comunidades de interlocução.

Tais formas reconhecíveis seriam conjuntos de características estabelecidos previamente, antes da ocorrência do evento comunicativo propriamente dito e, conseqüentemente, estariam presentes nos enunciados que futuramente vão ser construídos nos próximos eventos de comunicação, já que se constituem dos enunciados sócio-historicamente situados.

Bakhtin (1997) assinala que tais gêneros são intrinsecamente ligados à atividade humana e às mais diversas situações sociais. Sua construção, portanto, é dinâmica, tendo em vista que se atrelam às diversas complexidades sociais. Ao descrever os gêneros, dividiu-os em duas categorias distintas: gêneros primários (*simples*) e gêneros secundários (*complexos*).

Os gêneros primários são descritos como os gêneros simples do discurso, visto que se apresentam em situações de comunicação mais “*simples*” e diretamente ligadas ao cotidiano social. Enquadram-se nessa tipologia as conversas entre sujeitos no dia-a-dia, as cartas, diários, bilhetes, etc. Os gêneros secundários seriam “*complexos*”, pois “*aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída*” (BAKHTIN, 1997, p. 281). A esse contexto pertenceriam os discursos teatrais, literários, científicos, políticos, ideológicos.

Esses últimos apresentam como uma de suas principais características a agregação de um ou mais gêneros primários em sua produção. A partir da incorporação de um gênero primário a um secundário, o primeiro sofre um processo que o modifica, fazendo-o perder “sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 1997). Se os denominados gêneros primários têm o elo com as situações simples do cotidiano, ao serem incorporados ao gênero secundário, por exemplo, um diálogo cotidiano em uma narrativa romanesca, a partir dessa inclusão, passa a fazer parte da realidade do gênero secundário do romance literário.

Os gêneros, segundo Bakhtin (1997), constituem-se de enunciados novos, produzidos em novas situações de comunicação e por falantes imersos em situações sócio-históricas, mas, a seu turno,

os enunciados são produzidos a partir de enunciados anteriores. Todo enunciado — pertencente a um gênero — é único, jamais se repetindo, pois é proferido em condições de interação social específicas, embora calcado em outros anteriormente produzidos.

A partir do pressuposto básico que são as construções interativas dos enunciados, Bakhtin propõe que todo enunciado produzido geraria uma atitude responsiva ativa, ou seja, “*enunciados-respostas*” que geram novos enunciados e assim sucessivamente. Essa construção de enunciados sucessivos ocorre a partir de enunciados anteriores e, portanto, constroem um conjunto de enunciados que vem a constituir a forma reconhecível que se configura nos respectivos gêneros, a ser utilizado nas diversas situações de comunicação.

Essa compreensão da configuração dos enunciados aproxima-se daquilo que Orlandi (2005, p. 31) denomina de memória discursiva, que seria “*o saber que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra*”. Desse modo, todo gênero discursivo possuiria uma memória de gênero de que se utiliza como base e que é retomada na produção de seus enunciados.

Essa memória de gênero é essencial para produção de enunciados pertencentes aos gêneros discursivos haja vista que seria impossível produzir enunciados de “*lugar-nenhum*” no interior de um contexto social, pois “*se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível*” (BAKHTIN apud CLOT, p. 224) e, diríamos nós, o processo informacional não se constituiria.

Além disso, se admitimos a memória discursiva para a produção dos enunciados, o mesmo ocorre naqueles que recebem — ou “*consomem*” — esses mesmos enunciados, ou seja os usuários de qualquer sistema comunicativo-informacional.

## **Memória de gênero e informação**

Admitindo, então, a memória de gênero como inerente ao processo comunicacional, podemos estabelecer relação com o processo informacional.

Sabemos que o conceito de informação pode ter diversas definições. Desde etimologicamente, afirmar que se pauta no verbo latino “*informare*”, que significa colocar em forma, criar, representar ou construir uma idéia ou uma noção de algo podendo ser compreendida como processo de atribuição de sentido (ARAÚJO, 2001, p. 1) até outros autores, como Little John ([197-], p. 152) que associam o conceito de informação à idéia de redução de incerteza ou entropia visto que quanto maior o grau de incerteza maior será o grau de informação. Segundo Barreto, (1994, p.3), a incerteza é que provoca informação, já que é ela é que pode agregar algo de novo, considerando-a “*como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo*”, e na forma adequada “*produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade*”.

Nossa aproximação entre a concepção de memória de gênero e a do processo informacional se dá pela transformação que tanto um processo quanto o outro provocam no universo cognitivo de quem produz e de quem recebe os enunciados.

Costa e Orrico (2009) concluem que a relação entre os gêneros discursivos e a memória de gênero pode ser compreendida como algo sendo da própria natureza do fenômeno informacional que facilita a construção de sentido. O enunciado, ao ser proferido em determinado gênero discursivo, constituirá parte das especificidades que compõem o gênero no qual se insere. Dessa forma, ao ser proferido no interior do gênero ao qual pertence, a relação deste com sua memória de gênero será um meio que facilitará a compreensão da informação transmitida pelo sujeito que se insere no processo informacional.

## **Considerações finais**

Tendo em vista o exposto, podemos dizer que a concepção de Bakhtin sobre gênero pode nos ajudar a compreender a inter-relação da linguagem, aqui melhor compreendida como discurso, com as práticas sociais e as novas configurações tecnológicas.

As novas tecnologias colocam em cheque as práticas de autoria, visto que muitas têm sido as práticas colaborativas de produção de comunicação. Isso é apontado por Lazzarato ao nos dizer que

Com a internet, a potência das forças centrífugas que tinham sido aprisionadas e capturadas pela força de unificação e homogeneização das redes analógicas (televisão) é liberada, ativada, e inventa outras máquinas de expressão, outros regimes de signos. Assim, a internet submete a potência de criação e de realização de mundos possíveis a sua própria indeterminação. (LAZZARATO, 2006, P. 179)

O autor nos explica que o modo de funcionamento das novas tecnologias, especialmente da internet, é o de romper com o modo de constituição e funcionamento de outras tecnologias anteriores de comunicação, como é o caso da TV, porque favorece a interação cognitiva, o que viabiliza modalidades de ação recíprocas. Ele nos explica que a televisão “opera ainda como um todo coletivo”, ao passo que a rede favorece “o desenvolvimento do plurilinguismo, da pluripercepção e da pluriinteligência.”(idem)

Lazzarato explica que, a partir da internet, não mais haveria dispositivos para formação de algo mais ou menos coeso como a opinião pública; ao contrário, haveria a constituição de formas de percepção comum e de formas de organização e de expressão da inteligência comum. Assim sendo, ele se pauta em Bakhtin para falar de pluripercepção e de pluriinteligência.

Deixemos que o próprio Lazzarato explique as relações que se processam em tempos de comunicação pela internet.



O arrojo dos cérebros reunidos requer relações de poder que não mais estejam assentadas no modelo de execução (comando e obediência) [conforme ocorre no modelo da sociedade disciplinar]. Bakhtin indicou as razões profundas da crise do modelo autoritário e a emergência da empatia e da confiança como elementos que antecedem a cooperação criadora de bens comuns, distinguindo também a palavra autoritária da persuasiva. No processo de constituição da subjetividade, a palavra do outro não é informação, indicação, regra ou modelo, como queria Wittgenstein e o paradigma informacional. Ao contrário, a palavra do outro “busca definir as próprias bases de nosso comportamento e de nossa atitude diante do mundo, e se apresenta como uma palavra autoritária ou como uma palavra intrinsecamente persuasiva (BAKHTIN, 1978, p. 161, apud LAZZARATO, 2006, p. 184-185)

Tendo em vista essas novas formas de construção discursiva, é preciso investir no reconhecimento dos novos gêneros discursivos formulados, em virtude de esse conhecimento ser condição necessária para que o ciclo informacional aconteça de modo satisfatório.

O gênero discursivo, quando bem compreendido, permite estimular o universo cognitivo dos interlocutores de modo adequado, fazendo vir à consciência variados níveis de conhecimento que favorecem a percepção — a classificação — de um novo enunciado como informação digna a ser registrada, classificada e, conseqüentemente, passível de recuperação. O desafio contemporâneo pauta-se, então, na identificação de novos padrões discursivos, que possam vir a constituir novos gêneros discursivos.

Artigo recebido em 18/06/2010 e aprovado em 22/07/2010

## Referências

ARAUJO, Eliany Alvarenga de. A construção social da informação: dinâmicas e contextos. *DataGramaZero* – Revista de Ciência da Informação, v. 2, n. 5, out. 2001. Disponível em: < [http://dgz.org.br/dez08/F\\_I\\_aut.htm](http://dgz.org.br/dez08/F_I_aut.htm) >. Acesso em: dez. 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, Mikhail. *Ésthetique et théorie du Roman*. Paris Gallimard, 1978. Apud. LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BARRETO, Aldo. A questão da informação. *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994

CAMPBELL, D. Grant. Tensions between Language and Discourse in North American Knowledge Organization. IN: *Knowl. Org.* 37 (2010) n.1. p. 51-57

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008

CLOT, Yves. Psicologia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 219-241.

COSTA, Robson S.; ORRICO, Evelyn G.D. A construção de sentido na informação das histórias em quadrinhos. *DataGramaZero*, – Revista de Ciência da Informação v.10, n.2, abr/09. [http://www.dgz.org.br/abr09/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/abr09/Art_01.htm). Acessado em 20 de maio de 2010.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Mª Nélide. Informação, conhecimento e poder: do ponto de vista das relações entre política, economia e linguagem. In: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Mª Lucia (org.). *Informação, poder e política: novas mediações tecnológicas e institucionais*. Brasília: UNESCO; Ibict (no prelo)

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LITTLE JOHN, Stephen W. Teoria da informação. In: \_\_\_\_\_. *Fundamentos teóricos da comunicação humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, [197-]. p. 152-161.

LÓPEZ-HUERTA, Maria J. Some Current Research Questions in the Field of Knowledge Organization. IN: *Knowl. Org.* 35 (2008) n.2n.3. p. 113-136

OLIVEIRA, Carmen I. C. de; ORRICO, Evelyn G.D.. Memória e discurso: um diálogo promissor. In: GONDAR, Jô; e DODEBEI, Vera (org.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005

ORLANDI, Eni. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Ma Cistina L [org.]. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.